**ABERTURA DA EXPOSIÇÃO “DO MAR E DA TERRA – UMA HISTÓRIA NO ATLÂNTICO”**

**Angra do Heroísmo, 30 de Marco de 2011**

***Intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Carlos César***

No quadro da Rede Regional de Museus dos Açores, o Museu de Angra do Heroísmo ocupa o lugar de destaque que lhe é devido por sessenta e dois anos – comemorados hoje – de acções de salvaguarda e de divulgação do património e da cultura açorianos. Prova disso é o rico e diversificado acervo à guarda da instituição, o conjunto notável de edifícios históricos que ocupa e, evidentemente, a abundância de actividades até agora empreendidas.

Nesse contexto, a inauguração, que agora ocorre, da exposição de longa duração – “Do Mar e da Terra… uma história no Atlântico” – representa um importante passo no sentido do enriquecimento cultural da comunidade que o Museu procura servir e cuja memória tem preservado.

Na vida deste Museu, este é mais um momento em que cumpre a sua missão de dar existência e sentido ao passado e, através deste, ao presente e ao futuro, expondo, reinterpretando e apelando. Esta iniciativa, que envolveu um significativo esforço e investimento científico, tecnológico e financeiro, resulta, assim, num empreendimento cultural de elevado valor para a atractividade desta instituição pública.

Com efeito, esta exposição, requalificada, reúne as condições necessárias para ocupar um lugar único no panorama museológico regional, e até nacional, pois não é comum que uma única exposição ofereça propostas de visita tão diferenciadas como esta, dirigindo-se simultaneamente quer ao grande público, quer a públicos com gostos e interesses mais específicos e exigentes.

Uma síntese da cultura e da história da cidade de Angra, da ilha Terceira e da Região, na dimensão múltipla das suas relações com o Mundo, é desenvolvida ao longo dos cerca de mil e quinhentos metros quadrados das salas e dos corredores do primeiro piso deste antigo Convento de São Francisco. Os quatro tempos ou momentos que formam o itinerário principal desta exposição são apresentados nas amplas salas, onde desfrutamos das peças, documentos, imagens e textos que os acompanham; nos corredores apuramos conhecimentos de índole mais cronológica, visionamos pequenos filmes ou, mais simplesmente, descansamos o olhar no aprazível claustro do convento. Para apoio à visita, estão também disponíveis áudio-guias, com textos mais longos e bilingues.

Todo este aparato envolveu um investimento que se aproximou dos trezentos mil euros, e, evidentemente, um valioso trabalho de equipas que prepararam e realizaram um programa científico e um projecto expositivo. A criação de novas estruturas arquitectónicas e expositivas e de um novo modelo de organização do espaço, melhorou a apresentação, a percepção e a compreensão das peças, e a circulação do visitante, conseguindo-se, como se pode verificar, um excelente resultado.

Aliás, a requalificação do Museu de Angra do Heroísmo, ao nível das suas estruturas, vem já de uma fase anterior e projecta-se num futuro próximo. O seu edifício sede foi, já antes, sujeito a obras de manutenção geral, incluindo a substituição por inteiro das suas coberturas.

Entretanto, prepara-se a sua expansão com a obra de adaptação do antigo Hospital da Boa Nova ao Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima, cujos projectos de arquitectura e especialidades estão a ser concluídos e cujo lançamento de concurso público de empreitada decorrerá ainda nesta legislatura.

Com tais investimentos, parece-me, pois, natural e legítimo contar que este Museu desempenhe um papel mais influente no contexto da Rede Regional de Museus dos Açores e nas relações das nossas instituições culturais com outras, nacionais e estrangeiras, dimensão na qual é imperioso que se progrida e se inove.

Um museu como o de Angra do Heroísmo – que durante mais de seis décadas soube reunir um valioso acervo – precisa de envolver recursos qualificados e avultados na sua preservação. O mesmo se passa, ainda que com diferentes intensidades, no que toca à valorização em geral nos Açores das nossas instituições culturais – cuja acção é, ou tem que ser, fundamental para o desenvolvimento cultural e cívico das nossas gentes, bem como para reforçar as alternativas ocupacionais e a atractividade das nossas ilhas para as pessoas que as visitem.

Orgulhamo-nos do peso que continuamos a atribuir ao investimento público na Cultura, opção essa que nos tem permitido concretizar muitas iniciativas em todas as ilhas.

Neste momento, por exemplo, em Santa Maria, estamos a ultimar a aquisição dos terrenos e imóveis onde pretendemos instalar um novo pólo do Museu da ilha, na zona antiga de Vila do Porto, contribuindo também, desse modo, para a requalificação do centro histórico. Em simultâneo, estamos a preparar o programa funcional e o programa museológico que darão origem, em breve, aos primeiros trabalhos de elaboração do projecto de arquitectura e especialidades e ao projecto museográfico.

Na ilha de São Miguel, dentro de muito pouco tempo, assinaremos um contrato com um prestigiado gabinete de arquitectura, tendo em vista o projecto de requalificação do Edifício de Santo André, onde tem sede o Museu Carlos Machado, cuja obra se seguirá. Dentro em breve arrancarão as obras de construção do “Arquipélago – Centro de Arte Contemporânea”, na cidade da Ribeira Grande, cuja iniciativa anunciei ainda em 2004.

Em São Jorge, em breve anunciaremos a localização das novas instalações do Museu Francisco Lacerda e faremos a aquisição dos terrenos para a sua construção. Na ilha Graciosa, no final do ano transacto inaugurámos uma feliz ampliação e requalificação do seu Museu, em simultâneo com uma nova exposição de longa duração sobre o território e as suas gentes.

Por sua vez, no Pico, inaugurámos há poucas semanas as obras de requalificação paisagística e de arranjos exteriores do Museu da Indústria Baleeira, na Vila de São Roque, com os seus diversos edifícios também reabilitados. Em curso encontra-se a montagem da exposição de que será dotado o Museu do Vinho, na Madalena, a qual estará concluída em pouco mais de um mês. Ainda naquela ilha estamos a trabalhar no projecto de ampliação do Museu dos Baleeiros, na Vila das Lajes, com a construção de um auditório, cujo concurso público para empreitada estamos a fazer o possível para lançar em Maio.

No Faial, a nossa principal aposta centra-se na reabilitação da Casa Manuel de Arriaga, cuja obra decorre e nos permite estimar a sua abertura ao público antes do final do ano, após as instalações serem dotadas de um interessantíssimo projecto museográfico, onde será evocada a memória do primeiro Presidente eleito e salientados os valores subjacentes aos ideais republicanos.

Finalmente, na ilha das Flores, para além da requalificação da antiga fábrica da baleia do Boqueirão, em Santa Cruz, com as obras já concluídas e aguardando-se o respectivo projecto museográfico, está também a ser ultimado o projecto de uma exposição de longa duração, a instalar no Museu das Flores, após obras de reparação da cobertura do edifício de São Boaventura, onde se encontra instalado este equipamento cultural.

Todas estas acções implicam um considerável esforço financeiro que, apesar das condicionantes actuais, temos conseguido assegurar. Investir nestas dimensões culturais é, para nós, como cuidar do sangue que circula nas nossas veias – é como cuidar das nossas vidas e do significado do seu território e do seu lugar no mundo.

Os meus parabéns aos funcionários, colaboradores e amigos deste Museu. Obrigado.